RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID/ALFABETIZAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O MÉTODO FÔNICO

Júlia BERNARDINO; Luana Mateus LOPES.
UNESP – Câmpus São José do Rio Preto
E-mail do primeiro autor: j.bernardino@unesp.br
Eixo temático: Didática
Palavras-chave: Alfabetização. PIBID. Método fônico.
Agência Financiadora: CAPES

1. Objetivos

Durante o processo de alfabetização, os alunos constroem hipóteses sobre a escrita e a leitura, mobilizando conhecimentos de natureza fonético-fonológica (Cagliari, 1999). Nesse contexto, destaca-se o método fônico, que utiliza a relação entre grafemas e fonemas como base para a aprendizagem. Segundo Blanco (2023, p. 117), esse método parte do som das letras, combinando vogais e consoantes para a formação de sílabas. Diante desse cenário, este trabalho traz uma reflexão sobre a relação do uso do método fônico na alfabetização e a arbitrariedade do sistema ortográfico, e tem como objetivos relacionar a teoria às práticas realizadas no PIBID e identificar causas de erros ortográficos em textos de alunos no processo de alfabetização.

2. Local de realização

A experiência foi executada no âmbito do PIBID Alfabetização, em uma escola municipal dos anos iniciais do Ensino Fundamental, localizada em uma região periférica da cidade de São José do Rio Preto-SP.

3. Participantes

Os participantes do relato são duas discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e seis alunos do terceiro e quarto anos do ensino fundamental da escola-campo do PIBID, que apresentavam atrasos no processo de alfabetização e que eram acompanhados pelas discentes duas vezes na semana. Vale ressaltar que cada discente, no PIBID/alfabetização - São José do Rio Preto, acompanha no máximo cinco alunos que vão, de acordo com as hipóteses da escrita de Emilia Ferreiro (1979), do nível pré-silábico ao silábico-alfabético. Na atividade em questão, participaram apenas os alunos que tinham como hipótese silábico com valor sonoro.

4. Período

A experiência foi realizada durante os meses de março a junho de 2026.

5. Desenvolvimento das ações

Foram selecionadas, para esta apresentação, duas atividades. Na primeira atividade, realizada em abril, os alunos deveriam reconhecer uma sílaba inicial proposta, formando uma palavra com um alfabeto móvel a partir dessa sílaba. A segunda atividade, realizada em junho, correspondia a um "Uno" adaptado na qual as cartas tinham ilustrações, e ao jogar as cartas os alunos tinham que escrever o nome da sua ilustração em um papel.

Ambas as atividades foram realizadas sem intervenção das discentes na escrita e foram registradas em folhas entregues aos alunos. Sendo este relato de experiência caracterizado como abordagem qualitativa, utilizaram-se as folhas com as escritas espontâneas dos alunos para análise. Foi comparada a forma como eles falam a palavra e sua escrita, levando em consideração sua hipótese de escrita e os critérios de classificação de erros ortográficos propostos por Moojen (2009).

6. Resultados

Após a realização das atividades, foi possível observar que as produções dos alunos, pautadas na conversão de grafemas e fonemas estimulados pela instrução fônica, apresentaram erros de escrita relacionados à arbitrariedade do sistema ortográfico, conforme discutido por Moojen (2009, apud Saggiomo, 2018). Esses erros se manifestaram de forma semelhante tanto na escrita com o alfabeto móvel (abril) quanto no registro das ilustrações do jogo "Uno" (junho). Entre os mais recorrentes na atividade 1, destacam-se aqueles ligados ao som das vogais em posição postônica final: navi[u] (navio), cotonet[i] (cotonete), dad[u] (dado), leit[i] (leite) e abacat[i] (abacate). Além disso, ocorreram trocas entre consoantes com o mesmo som, como [j]elatina (gelatina) e [j]irafa (girafa). Ademais, na atividade 2, destacaram-se os erros ligados ao som das vogais em posição postônica final: relógi[u] (relógio), abacat[i] (abacate), camel[u] (camelo) e coc[u] (coco), e não foram identificados erros entre consoantes do mesmo som.

Assim sendo, ao analisar as produções espontâneas dos alunos, deve-se dispor categorias claras acerca dos tipos de erros ortográficos (Saggiomo, 2018). Moojen (2009, apud Saggiomo, 2018) propõe quatro categorias: (1) conversor grafema-fonema, no qual ocorrem trocas aleatórias, trocas surdo-sonoras, transposições e omissões de letras ou sílabas; (2) regras contextuais simples, relacionadas ao uso de grafias como "s/ss", "r/rr", "q/c/gu", "s/sc", "ç" e "e/i – o/u" em final de palavras; (3) regras contextuais complexas, associadas à acentuação gráfica; e (4) irregularidades da língua, que envolvem o uso indevido de letras, como nas alternâncias "j/g" e no emprego do "h".

Cagliari (1999) afirma que, embora a língua seja utilizada por todos, a fala apresenta diferenças regionais e pessoais. Essa variação pode ser considerada um complicador no processo de alfabetização, no qual se aprende a relacionar fala e escrita. O autor destaca ainda que o sistema ortográfico não contempla os dialetos, devendo ser seguido de forma convencional. Já Lemos (2001, p. 465) ressalta que existem distinções entre a escrita de algumas palavras e suas pronúncias, "isso ocorre porque o sistema ortográfico é arbitrário", como por exemplo nas palavras pote, que pode ser pronunciada como pot[i], po[tsi] ou po[ts], e menino, que pode ser pronunciada como menin[u].

7. Implicações para a prática pedagógica

As atividades realizadas com os alunos do PIBID mostraram que os desvios ortográficos apresentados pelos alunos ocorrem pela aplicação da lógica fonética a um sistema que é, por natureza, arbitrário. Deste modo, evidencia-se que a instrução fônica é fundamental no início da alfabetização para a consolidação das relações grafofonêmicas, porém a utilização desse método em todo o processo de alfabetização sem a explicação de que as palavras devem ser seguidas de acordo com a convenção ortográfica, pode resultar em alguns erros ortográficos causados pela arbitrariedade do sistema ortográfico, conforme destacado por Kosloski e Rodrigues (2023, p. 343), que salientam que "o uso dos métodos fônicos não é capaz de resolver todos os problemas da alfabetização/letramento, mas certamente aprimora sobremaneira um conjunto importante de componentes ligados à alfabetização".

Assim, observando as atividades dos alunos do PIBID/alfabetização, conclui-se que no processo de alfabetização deve articular o método fônico ao trabalho com regras contextuais e irregularidades da língua (Moojen, 2009 apud Saggiomo, 2018), promovendo práticas que integrem a consciência fonológica ao ensino das convenções ortográficas e atendam à complexidade do processo de alfabetização.

8. Principais referências

BLANCO, C. T. O ensino da fixação das sílabas canônicas nas práticas alfabetizadoras e suas consequências. *Pedagogia Ação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 2023.
CAGLIARI, L. Erros ortográficos. In: CAGLIARI, L. *Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú*. São Paulo: Scipione, 1999.
KOSLOSKI, P. M. B.; RODRIGUES, M. E. Métodos Fônicos de Alfabetização. EDUCERE - Revista da Educação da UNIPAR, v.23, n.1, p. 324-346, 2023.
LEMOS, F. Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico de e, i, o, u átonos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, 2001.
SAGGIOMO, F. Um estudo acerca dos erros ortográficos de alunos do terceiro e do sexto ano do Ensino Fundamental. UFPel, 2018.